



POR PEDRO FERNANDES DE TOLEDO PIZA

Advogado na área ambiental e de sustentabilidade, associado da ABTCP e sócio de Milreu & Toledo Piza.

E-mail: pedro@tpiza.com

CONQUISTAS DE UM SETOR FRENTE AO SEU POTENCIAL NA BIOECOMIA

No mês de março comemoramos duas datas marcantes para o setor de florestas plantadas e de celulose e papel: o dia da Água e o dia das Florestas Plantadas. No que diz respeito à água, o setor de florestas plantadas adota premissas de gestão sustentável em toda sua cadeia. Se pensarmos que o setor opera quase 9,0 milhões de hectares em todo o Brasil, o mesmo tem empregado esforços para manter mais de 5 milhões de hectares distribuídos em conservação e preservação de vegetação nativa.

Recentemente, estudando o material do Professor Celso Foelkel sobre qualidade de madeira para cada finalidade almejada, suas palavras levaram-me à reflexão: “o ambiente que esperamos, e o ambiente que podemos obter”.

Em termos de gestão ambiental, o setor está em destaque no manejo de recursos hídricos, por ter feito a lição de casa e continuar implementando esforços para fortalecer os regimes e balanços hídricos em regiões que estão presentes. Costumo usar uma base temporal de 40 anos para estabelecer um “milestone” do setor nos seus processos de gestão. Neste sentido, podemos considerar que o setor de celulose e papel contribuiu para redução de mais de 65% do uso de água bruta no seu processo industrial.

Esse esforço é um marco histórico em todo setor fabril nacional, se considerarmos que há um universo de unidades fabris em variados setores, cada qual com idade tecnológica própria. Em termos industriais, o alinhamento total de objetivos e metas do setor com as políticas públicas e programas globais de redução do uso de recursos naturais, isso representa uma vitória.

Representando a ABTCP na Rede Nacional de Recursos Hídricos (da CNI), é possível mensurar os ganhos que obtivemos nessas últimas quatro décadas, uma vez que podemos fazer uma avaliação de longo prazo e mensurar nossos ganhos.

Em termos de uso do solo, nossos mosaicos florestais contribuem para metas ambientais, tanto nacionais, quanto globais: mitigação de efeito estufa, redução de processos erosivos, manutenção e preservação de mananciais hídricos, implantação de corredores ecológicos, entre outras.

Pensando em qualquer produto “da floresta à fábrica”, temos alternativas para escolher a melhor espécie, o adequado tipo de manejo e a melhor forma de povoar a região com mosaicos. A manutenção e a colheita florestais são manejadas com o objetivo de reduzir a pegada hídrica, ou seja, a economia de recursos naturais representa custo evitado significativo.

O mesmo ocorre com a questão climática, cujas discussões estão sendo retomadas agora pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden; o qual, certamente irá exigir do Brasil medidas mais efetivas para atingir as Contribuições Nacionais Determinadas (NDC, em inglês).

O setor de florestas cultivadas tem sob sua gestão 6 milhões de hectares de matas nativas preservadas, sejam elas reservas legais, áreas de preservação permanente ou reservas particulares (RPPN, por exemplo).

A entrada e a permanência do Brasil na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estão condicionadas ao cumprimento das metas e compromissos já assumidos pelo País. Em suma, entendo que o momento atual de pressão é oportuno para nós brasileiros atuarmos de modo diferente e encararmos os compromissos dos quais tomamos parte.

Para os setores de florestas cultivadas e de celulose e papel, entendo igualmente que temos as condições necessárias para sermos protagonistas deste momento.

A Embrapa, com seus quase 50 anos de história, empenha pesados esforços rumo ao futuro da agropecuária e produção florestal aliada com a bioeconomia. Nossas florestas não produzem apenas papel e celulose; produzimos fibras, energia, serviços ecossistêmicos e ambientais, combustíveis verdes, biomateriais.

Temos várias razões para sermos estes protagonistas da bioeconomia: por exemplo, a proporção entre área de floresta e vegetação nativas preservadas para cada hectare de floresta cultivada, faz de nós o maior detentor de banco de dados para Pesquisa e Desenvolvimento. Além disso, permite-nos atuar com diferencial em áreas ambientalmente sensíveis, quando comparados com outros atores do agronegócio.

Além do compromisso setorial, existe a questão do porte dos empreendimentos que permite se destacar em se tratando de benefícios sociais, ambientais e econômicos oriundos das florestas preservadas.

Os esforços setoriais serão determinantes para defender nossa posição nas próximas reuniões internacionais sobre o clima, além de demonstrar e comprovar nossos compromissos com o ambiente e com a redução da pobreza. Entendo que a Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) tem no presente momento a oportunidade de articular junto ao Itamaraty os devidos posicionamentos em defesa de nossos interesses em instâncias internacionais. ■